
THE SON
FERDINANDO FREGA

O FILHO

THE FAMILY · 13

Um pai a quem bastavam três palavras — e a manhã em que, anos depois do funeral, o filho ouviu a mesma calma sair da própria boca.

A Gillettenarrative dá as boas-vindas a você. Você ainda não sabe a sorte que tem — está prestes a receber algo, e ninguém lhe pediu nada em troca. Agora você está entrando no meu mundo, perto o bastante para tocar a lâmina. Mas eu não vendo lâminas. Essa pertence só à minha mãe. Quando isto terminar, você não será mais o mesmo. Já estará procurando a próxima. Por enquanto, comece aqui. Permita-se este momento.

Nasci da minha mãe e, como filho, carrego muitas chances de me parecer com ela. Pelo menos é o que sugere a literatura médica, e, uma vez na vida, não vejo motivo para discordar.

Mas, além dos traços físicos, existe outra coisa. Algo que chega depois. Revela-se com os anos, nos vestígios que ficam, naquilo que realmente somos, e não naquilo que os outros dizem ser.

A identidade pode começar com um fator X, mas ninguém sabe de verdade onde termina a genética e onde começa a humanidade. O DNA explica o corpo. A vida explica o resto.

Dizem que a inteligência vem da mãe. E vem. Mas o caráter não se herda por fórmulas. Ele surge por meio de gestos, hábitos, escolhas e silêncios. Ética, temperamento, estilo, presença. A arquitetura invisível de um ser humano.

E, mais cedo ou mais tarde, alguém diz: “É a cara do pai.” Visível para todos. Compreendido por pouquíssimos.

Nenhum filho é inteiramente o próprio pai. Nenhuma filha é inteiramente a própria mãe. Todos pertencemos a um jogo maior, em que as surpresas não param de aparecer. E, no entanto, no meu caso, a resposta final parecia simples. Tudo vinha do pai.

Aquele homem elegante nunca levantava a voz. Quando falava, parecia quase uma canção, uma curiosa mistura de italiano, francês e espanhol que carregava apenas um punhado de palavras. Muitas vezes bastavam três palavras. “Eu estou aqui.”

Durante anos, não demos valor àquelas palavras. Então, um dia, chegou o impossível. E, diante do impossível, ele sorriu e disse: “Você só paga um dólar.”

Naquele momento entendemos quem ele realmente era. Era meu pai.

Mas essa não foi a verdadeira revelação. A verdadeira revelação veio anos depois. Certa manhã, eu me ouvi respondendo a uma situação difícil com a mesma calma. O mesmo silêncio antes de falar. O mesmo sorriso antes de decidir. E, por um instante, foi como se ele tivesse entrado na sala. Depois percebi que ele não tinha entrado de jeito nenhum. Nunca tinha ido embora.

O que ficou? Um rosto familiar. Uma voz com um som diferente. Uma personalidade que ainda ressoa através do tempo. Porque, em toda música, a voz não é o que mais importa. O som, sim. O som que sobrevive. O som que carrega uma alma.

E essa foi a surpresa final. Eu tinha passado a vida procurando meu pai nas minhas lembranças. Só para descobrir que ele tinha vivido o tempo todo dentro das minhas escolhas.

Era só meu pai. E, de algum modo, ainda é.

Ferdinando Frega
Gillette Man ⚔️